



## Concerto

# A tua boca solta um amor letal

- Diamanda Galás está em Portugal para apresentar "Guilty Guilty Guilty", punhado de canções sobre paixões e homicídios
- Numa curta conversa com o JN, a cantora assume querer cantar coisas doces para de imediato partir para a selvajaria

de Cristiano Pereira

A mulher, dizia-se, era como a sua obra. Feita de uma fibra assustadora, perturbante, intensa, extrema. Sobre ela já se escreveram uma série de clichés e não falta quem lhe chame bruxa ou estabeleça paralelismos com Satanás. Não falta quem fuja dela como o diabo da cruz porque "a mulher é sinistra e apavorante". Diamanda Galás, americana filha de gregos, é uma das mais peculiares cantoras avant-garde e a audição dos seus discos não é, decididamente, proeza pacífica.

Por tudo isso e algo mais, há um certo receio quando se telefona à mulher para uma curta entrevista. Como atenderá ela o telefone? Acaso estremeceremos com a excessiva carga emocional que nela parece ferver? Nada disso. E há suprema surpresa: é de uma simpatia e de uma energia contagiantes. Dir-se-ia mesmo que lança boas vibrações.

"Oh my darling!", atende Diamanda no seu quarto de hotel em Braga, uma noite depois do seu concerto no Theatro Circo (ver caixa) e antes do seu espectáculo na Casa da Música - hoje, às 21 horas - e na Aula Magna, em Lisboa (sábado).

A cantora está cá para apresentar "Guilty Guilty Guilty", disco

cujo repertório recupera canções clássicas sobre amores homicidas e tragédias assinadas por gente como Juliette Gréco, Edith Piaf e Johnny Cash. O disco surgiu na sequência do espectáculo intitulado "Massacre de São Valentim". O título já se afigurava bastante elucidativo - mas numa entrevista da altura, a cantora fez questão de desfazer equívocos e descreveu o concerto como sendo sobre "uma pessoa que vacila entre amar alguém ou querer ver esse seu amor com as pernas partidas". Agora, entre gargalhadas mefistofélicas, reafirma tudo ao JN: "Infelizmente, o espírito é o mesmo: há muita tragédia, as pessoas pagam um preço - e esse é o espírito Grego".

Ela vai estar ao piano, ténue luz a abater-se-lhe no corpo embrulhado em negro, a boca a libertar poesia nociva com aquela voz que não raro nos asfixia. Uma voz inigualável e que a sua dona assim descreve: "Tu dás um passo à frente e entras numa jaula - e de repente parece que estás rodeado por tentáculos que te empurram e puxam em vários sentidos, que te esticam ou esmagam". "A minha voz", sintetiza, "é um animal".

A artista assume a amplitude das emoções: "Quero cantar uma coisa muito doce para depois partir para uma mais selvagem". Deixai-vos, então, estilhaçar pela tragédia e pelo amor. □

## Testar os limites

■ Ouvir Diamanda Galás é um bom exercício para testar alguns limites. A começar pela capacidade limite do ouvido humano, passando pela paciência de quem assiste e terminando nos vários estilos aplicados às canções. O concerto da cantora, antecorrem à noite no Theatro Circo, em Braga, foi marcado pelo excelente assistente técnico que a acompanha, que conseguiu reverberações, ecos e tratamentos vocais de qualidade tal que pareceram "humanos". Se nos momentos mais agudos das canções, houve passagens que taparam os ouvidos e se mexeram muito nas cadeiras, nas canções mais "calmas, as cantadas em francês e grego, Galás consegue mostrar toda a profundidade e sensualidade da voz. Os mais de 50 anos da cantora, só foram visíveis no seu aspecto físico.

A voz, essa, continua igual à de uma miúda de 20 anos, mesmo ao fim de 80 minutos de concerto.

Pedro Antunes Pereira